

# Germinal



N.º 6 — ANO I

21 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

## A guerra e o alcool

Diz-se que «ha males que vêm por bem» e isso se pode dizer da guerra actual, na parte que diz respeito á campanha contra o alcoolismo em França.

O parlamento francez acaba de prohibir a fabricação, venda e circulação do absintido, com aplauso geral cortado apenas pelos lamentos dos industriaes e comerciantes, que tem ganho com a paixão dos consumidores pela terrível bebida.

Foi preciso a advertencia da guerra para que os poderes publicos vissem os efeitos desastrosos do absintismo e decretassem as medidas legais que antes nunca tinham ousado promulgar. Até agora, interesses varios e entre elles, os da politica eleitoral — em virtude da qual cada um procurava não molestar o eleitor alcoolista — tinham-se oposto á que a campanha anti-alcoolica enveredasse por um caminho decisivo. O impulso agora está dado; mas de pouco ou nada servirá a decisão parlamentar, se a acção dos trabalhadores conscientes não aproveitar o pé em que a questão está posta, e que muito facilita a propaganda, para de vez dar batalha ao terrível inimigo.

Quem conhece a vida franceza, sabe o que de desastroso, sob todos os pontos de vista, representava o consumo de alcool que se fazia em França. O perigo duma degenerescencia colectiva, era claro até para os menos atentos a esta ordem de questões.

Não exageramos afirmando que bem mais terrível para a França tem sido o consumo de alcool do que a invasão alemã. Se á guerra não se pudesse attribuir outro mal, além da perda de vidas que ela ocasiona, poder-se-ia dizer, sem receio de errar, que ela fôra um bem, provocando uma campanha eficaz contra

o alcoolismo, pois se por um lado inutilisava centenas de homens, por outro lado salvava milhares delles. Que os propagandistas contra o alcool não desanimem na campanha que, com tão bons resultados começou em França; que os trabalhadores de todos os paizes os imitem e ter-se-á, em grande parte, reparado o mal causado pela guerra.

## A questão do pão

Acusa um sujeito em um jornal de Beja:

«É o moageiro e o grande negociante de trigos quem tem vantagens de sonegar este cereal, com o fim de o poder vender por alto preço, depois de feita a tabela de venda dos trigos importados, que, segundo todas as probabilidades, será bem mais elevada do que a actual.»

Acusa outro em um jornal de Lisboa:

«Temos ai grandes stocks de quasi tudo... nas mãos dos açambarcadores.

Imagine que, segundo se diz, um negociante tem açambarcados conto e cincoenta mil hectolitros de trigo.»

Diz o actual ministro do fomento.

«O pão vai ficar por preços elevadissimos. O Estado que sacrifique as quantias precisas para cobrir a diferença de preço entre o pão de agora e o que ha de fabricar-se com o trigo que vem a caminho de Lisboa.»

## Deputados, para quê?

No entender do sr. Jacinto Nunes, presidente do directorio do partido unionista, Lisboa não precisa de deputados, porque não lhe faltam meios de pesar na vida publica. Isto importa uma coisa: e é que se todo o país adquirir semelhantes meios, os deputados não serão precisos para nada. Não é assim, sr. Jacinto Nunes?

## Os anarquistas e a guerra europêa

Toda a questão gira em torno da *significação e alcance social* que cada um atribue a esta guerra. Este ponto de partida é que importa; o mais que se segue, nas palavras e attitude de cada um, é apenas um corollario mais ou menos exagerado ou prudente, segundo os individuos e as circunstancias, mas em que quasi tudo afinal é secundario, episodico, pouco ou nada influindo na questão principal. Isto é que, me parece, não se deve perder de vista se queremos tratar o problema com algum proveito. No entusiasmo da prégação ou da discussão, diz-se muita coisa exagerada; mas isso acontece de ambos os lados e não pode ser, evidentemente, tomado em linha de conta para uma boa apreciação a fazer. Esta é impossivel desde que assim se não proceda, porque as opiniões, dum a outro extremo, formam uma cadeia de acordos e desacordos parciais, de nuances, onde se não pode achar a linha divisoria das duas grandes correntes que se formaram. Tanto mais que o exagero da attitude pôde, *de ambos os lados*, levar a desvios tais, que sejam comprometedores — para o desviado — das doutrinas que elle préga. Mas note-se que isso tanto pode succeder com uns como com outros; e porque assim é e porque se trata, em regra, de factos ocasionaes, tem a analyse da questão que incidir sobre o ponto de partida da diferenciação.

A base do desacordo creio ser como disse, a *significação e o alcance social* que se attribuem á guerra.

Para uns e outros, esta *significação* á dada pela opinião que se tem sobre estes dois pontos: importancia dos regimens politicos e importancia do factor economico-capitalista em face de outros factores da guerra.

Dum lado estão aqueles para quem a vida politica dos povos é um aspecto importante sob que se deve encarar o resultado da luta e os que attribuem importancia grande a outros factores do conflicto, além do economico.

Do lado oposto está, naturalmente, os que attribuem áquella vida politica e a outros factores, uma importancia minima senão nula. Disto resulta logicamente, que os primeiros tendem para a participação na guerra e os segundos para a abstenção.

Não merece a pena (diz-se) tomar partido pela França, porque a soma de liberdades ou de progresso social que ela representa, é insignificante em relação ao sacrificio a fazer. E em apoio desta maneira de vêr, tem-se desenrolado toda uma serie de factos em que se vê o pouco liberalismo, a pouca ou a falsa democracia, o imperialismo por parte da França: conquistas coloniaes, barbaridades cometidas, a exploração dos trabalhadores pelos capitalistas tão grande como em qualquer outro paiz, censura á imprensa, nacionalismo militarista, clericalismo, centralismo politico, etc., etc. Depois da exposição e da leitura de todas estas coisas, conclue-se que «tão bons são uns como os outros» e que não vale a pena tomar partido por qualquer deles.

Não ha duvida que é verdadeiro o que se diz em desabono da vida social e politica da França, assim como dos outros paizes. Os *factos* são verdadeiros e todavia... raro são — se os ha realmente — os que sentem pela derrota de qualquer dos combatentes a indiferença completa que seria a logica conclusão das suas palavras.

Se tanto nos faz um regimen politico como outro; se, como diz P. Esteve a Kropotkine, a

solução do problema politico não facilita a do problema social, como se compreende que os que assim pensam, contribuem para insurreições destinadas a mudar de regimens politicos, falem em Republica alemã e russa como uma coisa a desejar, considerem um desastre a volta, em cada paiz, de regimens passados e tudo isso de tal forma sentido ou pensado, que até se arrisca a liberdade e a vida, para conquistar ou não perder essas coisas, pelas quaes se diz agora não valer a pena tomar partido?

Ainda ha poucos mezes, Malatesta e outros anarquistas, ariscaram a liberdade e a vida num movimento insurrecional, cujo maior triumpho possivel então — Malatesta certamente não tinha illusões a esse respeito — seria o estabelecimento da Republica... burgueza.

Que me importa colaborar com o Estado, se isso me fôr necessario para conseguir um fim que tenha em vista? Esta colaboração representa uma fórma de aumentar a força de que se precisa para um fim comum; uma vez esse fim atingido ou tendo desaparecido a necessidade de o atingir, cessa *ipso facto* a colaboração.

Este fenomeno dá-se frequentemente em todos os paizes e sobretudo nos movimentos insurreccionaes, de protesto ou simples reclamação a proposito de qualquer medida governamental.

Se, como diz ainda Esteve, «não se compreende que haja alguma differença em que o trabalhador seja explorado por um nacional ou por um estrangeiro», com o que eu concordo, tambem se não compreende que nestes movimentos — chamemo-lhes nacionaes — se colabore com exploradores, quando aparece um fim comum atingir, o qual muitas vezes se limita a abolir ou a modificar uma lei ou um regulamento, em regra substituidos por outros ás vezes peores. Mas, dir-se-á, é que o fim do governo francès, não pode ser o mesmo que o dos revolucionarios». Trata-se do fim immediato — no caso da guerra, a expulsão dos invasores e até certo ponto a destruição do cesarismo alemão. — Depois, é claro que os fins divergem e até se opõem; mas tambem então a colaboração cessa, para dar lugar ao anterior estado de coisas, senão a uma recrudescencia de luta entre uns e outros.

Ora é isto mesmo que se dá com os movimentos nacionaes. Atingido o fim, cessa a colaboração e recomeçam as hostilidades. Todavia não se costuma considerar abdicção ou perigosa attitude para as ideias, a colaboração de anarquistas em todos esses movimentos a que me refiro, dos quaes, em todos os paizes ha numerosos exemplos. O que pode haver, o que

tem havido, é que colaboradores vão longe de mais na colaboração e por lá ficam. Mas isso é com os *individuos* e nada tem com a utilidade ou inutilidade da colaboração em si mesma. De resto, todos estes movimentos, nacionaes ou internacionaes, são excelentes occasiões para se conhecer o valor das convicções ou o grau de consciencia das ideias que se possuem; e em suma, se se perdem camaradas, outros se ganham, natural consequencia do fluxo e refluxo da agitação produzida.

Em conclusão: se os adversarios de dentro são eguaes aos de fóra e se não devemos colaborar com aqueles contra estes, tambem não devemos, dentro de cada paiz, colaborar com quaesquer deles, visto que são eguaes uns aos outros. Se podemos colaborar com os de dentro contra outros de dentro, tambem podemos colaborar com os de dentro contra outros de fóra.

Emilio Costa.

(Continua)

## NOTAS LIGEIRAS

Afinal os «anti-guerristas» não são contra a guerra, como parecia. Pelo menos assim o fazem supor novas de Italia. Mais do que nenhuns outros, éles a aplaudem, dizendo-se prontos a fazê-la se ela fôr de libertação e emancipação social, se fôr a Revolução, que essa, sim, é em proveito dos trabalhadores. Entrando a encarar as coisas sob esta feição utilitária, ainda podem chegar a persuadir-se, por exemplo, de que aos trabalhadores nenhum proveito resulta de os alemães, na Belgica, levarem tudo a ferro e fogo; e então os veremos demandar o campo dos belgas com o seu melhor ar mavortico, senão para o integral livramento, se quer ao menos para não verem estabelecer-se sob os seus olhos indifferentes, a mais dolorosa oppressão.

Um jornal operario, em grandes letras, chama ao socialismo — tomada esta palavra no seu sentido corrente — a unica fórma social futura. E' verdade. A unica. Se for preciso, o redactor desse jornal dá a sua palavra de honra.

Afirma-se que ha uma indifferença dos legisladores pela opinião do publico, e uma indifferença do publico pela obra dos legisladores. Uma paga a outra. E justifica-a, se por publico se entende a classe oposta á classe dominante. Que estou em dizer que naquella não ha indifferença, o que ha é incerteza: ainda não está segura da necessidade dos fabricantes de leis, nem do meio porque os ha de competir ao aperfeiçoamento dos seus productos, sem ver resultar-lhe inutil o esforço.

Qualquer.

### A Justiça...

Ha tempos disseram os jornaes que os ministros que faziam parte do gabinete Bernardino Machado iam ser processados por abuso do poder e dilapidação dos dinheiros publicos: compra de uma casa em Sines e a ordem para se construir dois chavécos no Arsenal. A participação foi feita para juizo e nunca mais de tal se ouviu falar... nem se ouvirá porque eles não se comem uns aos outros. Se fosse o João Ninguem que para dar aos filhos roubasse um pão...

## A minha carteira

### O pão

E' coisa impossivel de comer o pão de mistura?

Hoje o uso do pão branco, bem preparado e de bom quilate, tende a tornar-se entre os povos civilizados frequente e habitual, não só nas classes operarias das cidades, como entre as populações laboriosas das aldeias.

No seu livro — *O Pão*, publicado em 1897, o sr. Eduardo de Sousa, salientando a superioridade alimenticia do trigo pelas suas percentagens mais elevadas de substancias nutritivas, conclue que de todos os cereais panificaveis, é aquele o que deve ser preferido na alimentação e cuja cultura deve ser, sobre todas, favorecida e cuidada.

Isto importa dizer que, como toda a gente sabe, não é só do trigo que se faz pão. Se é certo — escreve aquele autor — que o pão de trigo é o mais nutriente e de todos o melhor, e que pelo seu consumo se pode e deve avaliar o grau da prosperidade de um povo, não é menos verdade que dos outros cereais, especialmente do milho e do centeio, se pode fazer pão ainda de bom quilate alimentar.

Consumido entre nós especialmente nas provincias do norte, sobretudo na Beira Alta e no Minho, o pão de milho constitue ali — e parece que tambem na Madeira e nos Açores — a base da alimentação do povo. O gluten de farinha de milho é desmanchadiço e pouco consistente, devido á sua pequena proporção de gliadina. Assim a massa não se liga nem leveda, como succede com o trigo, não tufando consequentemente á cosedura, antes gretando e rachando á superficie. Hendoux é de opinião que, mesmo misturada com a farinha de trigo, a farinha de milho produz um pão falho de cohesão, a forma de espessar fogos ou *polenta* permite fazê-la admitir na alimentação diaria; mas isto não deve ser inteiramente exato, porque já o nosso Ferreira Lapa observou: — «quando a farinha é bem aguada, amassada com agua quente e pouco fermento, bem trabalhado e cosido a forno brando, o pão de milho fica macio, fresco e saboroso». O milho contém uma notavel proporção de substancias gordas, que, sob este ponto de vista, o tornam o primeiro dos cereais.

Em algumas partes do nosso pais usa-se misturar-lhe uma porção de farinha fina de trigo, o que produz um pão muito agradável e saboroso. E' a *triga-milha*. Misturado com o centeio de boa qualidade, o pão resultante tambem não é desgostoso. O milho brauco pesa menos e rende menos que o milho amarelo, mas o seu pão não é tão saboroso como o deste. Nos Estados Unidos, onde a cultura do milho é muito generalizada, o pão feito com a farinha deste cereal é muito saboroso, e, graças ao processo empregado, não succede como no nosso pais em que esse pão arranha a garganta no proprio dia do seu preparo e se torna seco e duro logo no dia seguinte.

O pão de centeio, pela pobreza do seu gluten, está quasi nas mesmas condições que o pão de milho: não é fofo, medrado e enxuto e não atinge a alvura do pão de trigo porque, como diz Ferreira Lapa, «parte da casca fica reduzida pela moagem a pó tão fino que passa sempre com a flor da farinha em quantidade sufficiente para o fazer empardecer». Raro se faz o pão de centeio puro, a não ser nos países em que o centeio é o unico cereal cultivavel ou em que a civilização não introduziu ainda o trigo. Na Suissa, na Belgica, na Holanda e na Alemanha, e noutros países ainda, utiliza-se o pão exclusivo deste cereal apenas para alimentação dos animais, especialmente dos cavalos. Em Portugal é em Traz-os-Montes principalmente que o povo tem este pão como base de alimentação.

Preparado como deve ser, afirma Rozier, é bom, saboroso e muito nutritivo. Conserva-se fresco muito mais tempo que qualquer outro, pela muita humidade que a sua farinha contém. Possui tambem propriedades laxativas.

Ligado com o trigo, dá o centeio um excelente pão de familia, semelhante ao de alguns trigos rijos.

Um magico.

### Uma explicação

A *Aurora* no seu n.º de 31 de Janeiro, inseriu estas palavras:

«Foi a leitura do primeiro n.º do *Germinal*, sem falar nos antecedentes... orais, que nos convenceu de que os camaradas traziam, entre outros, o intuito de combater — não a nós, pois as nossas pessoas não entram para o caso, mas as ideias que modestamente defendemos e que julgamos ameaçadas de confusio nismo».

E agora, no seu ultimo n.º, insere estoutas:

«Quisemos dizer, referindonos aos fins do *Germinal*, que os camaradas que o fundaram traziam, alem dos costumados intuitos de propaganda, o de combater as ideias que defendemos a proposito da conflagração.»

E' a rectificação ou aclaração que esperavamos.

Constatado isto, pelo mais que no mesmo n.º se contém, renunciamos a dizer-lhe seja o que for. Fique-se ela com as suas injurias, a sua erra camaradas, que ficamos com o pesar de ter perdido tempo a responder ás suas provocações e ataques.

### Aos nossos assinantes

Enviámos á cobrança pelo correio os recibos das suas assinaturas; a importancia de cada recibo é de 20 centavos (200 réis) sendo 15 centavos (150 réis) da assinatura de um trimestre e 5 centavos (50 réis, de despesa de correio.

# Socialistas e Sindicalistas

DE

## França, Inglaterra e Alemanha

O «Germinal» dá hoje uma página de documentos que julga úteis como elementos de formação de opinião. É bom saber-se um pouco do que se pensava da guerra nos principais países beligerantes, nas vésperas da conferência internacional de Londres, (que se devia realizar, como se realizou, no dia 14) e nas vésperas duma nova e talvez decisiva fase do conflito.

Alguns documentos temos já fornecido, outros daremos dentro dos acanhados limites do «Germinal», pois cremos que é este um dos melhores serviços que poderemos prestar ao leitor consciente.

Declaração da C. G. T. de França, («Bataille Sindicaliste», 2-2-915) dirigida à *Internacional Operaria e às Organizações Centrais Operarias*:

Camaradas:

Apesar da terrível tormenta que fere atualmente a Europa, tormenta desencadeada contra a sua vontade e a sua ação, a C. G. T. franceza empenha-se em afirmar, mais uma vez, o seu amor à causa operaria internacional. A guerra continua sendo para ela o mais abominável dos crimes sociais. Nenhum argumento poderia atenuar a responsabilidade dos que a desencadearam. Quer dizer que a C. G. F. é hoje como ontem, partidária da paz entre os povos. Sempre a sua propaganda e a sua ação se afirmaram contrárias a um nacionalismo estreito, ao militarismo de conquista, como se opuzeram à volta dos velhos regimens.

O seu desejo teria sido arrastar toda a Internacional operaria para este caminho de luta contra as forças nocivas. Compreendéra que era indispensável sobre este ponto determinado, crear uma unidade de pensamento, determinando uma unidade de atitude nos proletariados organizados de todos os países, de modo que, exigindo-o as circunstâncias, dela pudesse resultar uma unidade d'ação, contra um perigo comum: *Proposta à Conferência Internacional d'Amsterdan, em 1905; intervenção da C. G. T. pelo seu secretario junto dos sindicatos alemães, 1905; proposta à conferência Internacional, Paris, 1909; delegação da C. G. T. na Alemanha, 1910; Intervenção junto de Legien, em Bruxelas, julho de 1914.* Foi em parte por não ter reconhecido o valor daquele ponto de vista, que a Internacional operaria se viu impotente em face da guerra.

Ha seis meses que sofremos desta guerra, de todos os horrores da invasão. Vimos violar a neutralidade do Luxemburgo e da Belgica, invadir os departamentos do Norte e do Leste do nosso país; e as visões de carnificina não fizeram mais do que fortalecer o nosso ponto de vista quanto à atitude que devia e deve observar o proletariado internacional unido contra a guerra.

Entretanto, por muito ardente que seja o desejo de restabelecer a paz entre os povos agora beligerantes, não podemos esquecer que o territorio belga está quasi inteiramente occupado e na mesma situação os nossos departamentos do Norte e do Leste; que por outro lado, uma condição essencial do progresso social é a inviolabilidade da independencia dos povos.

Temos protestado muito contra as expedições colonias, para esquecermos agora as razões profundas dos nossos protestos.

A Humanidade não se desenvolverá no sentido duma civilização superior, não instituirá relações sociais mais

harmonicas com o direito humano enquanto a força bruta que é um meio de dominação, não fôr transformada num auxiliar da intelligencia posta ao serviço do trabalho. Os Estados Unidos do Mundo, forma de organização humana que devemos procurar realizar, só serão um facto no dia em que, tendo cada nacionalidade, por fraca que seja, a certeza de ser respeitada no seu desenvolvimento interior, a colaboração de todos os povos possa ser possível. Esse dia verá estabelecer-se o verdadeiro regimen da liberdade internacional, resultante da ação normal e livre de todas as liberdades nacionais. Numa constituição assim, o militarismo, ficando sem objetivo, desaparecerá por si proprio. Esta concepção do futuro, que é nossa, apesar das horas terríveis que vivemos, não perdemos a esperança de a realizar, se cada proleta iado quizer contribuir com a sua parte de trabalho sincero para a realização da obra comum de libertação. Adoptar este ideal, é banir de si proprio toda a ideia de hegemonia, é querer a harmonia entre todos os seres humanos pela egualdade de todos os povos.

Se a C. G. T. franceza não é possível, nas actuaes circunstancias, formular as condições duma paz que ela deseje o mais proxima possível, é-lhe entretanto permitido indicar que o esforço pacifico, para ser util, deve orientar-se para um fim, que fica com que esta guerra seja a ultima das guerras. Com os que trabalham para esta obra, está a C. G. T. d'alma e coração. De novo, nestas terríveis horas ela pede que as classes operarias de todos os países se associem com ela, para afirmar e tomar o compromisso formal, de actuar de forma a fazer penetrar no espirito dos trabalhadores do mundo inteiro que, mesmo sob a forma de Estados Unidos do Mundo, a paz não será segura e definitiva, senão quando todas as classes operarias de todas as nações, tiverem adquirido, no seio das suas organizações, uma consciencia moral profunda dos seus deveres reciprocos e por isso mesmo, uma força d'ação verdadeira, capaz de impedir toda a guerra, pela opposição direta das forças organizadas e activas na Internacional Operaria.

A C. G. T. aprova e aceita a proposta da A. F. of L. tendente à realização «nos mesmos dias e local que a conferencia geral para a Paz que, sem duvida, se realizará no fim da guerra, dum Congresso dos representantes das organizações operarias das diversas nações, para ajudar a restabelecer relações fraternas, proteger os interesses dos trabalhadores e ajudar, por toda a parte, a constituir os alicerces duma paz duradoura, sobre as seguintes bases:

1.ª — Supressão dos regimens dos tratados secretos; 2.ª, Respeito absoluto pelas nacionalidades; 3.ª, Limitação imediata e internacional dos armamentos, medida que deve precipitar a sua supressão total; 4.ª, Aplicação do recurso à arbitragem obrigatoria para todos os conflitos entre nações.

Viva a Internacional, sempre e apesar de tudo.

Pelo comité e por mandato.

L. Jouhaux.

### Partido Socialista Francês

Na segunda sessão da *conferencia nacional* realisada em Paris no dia 7, declarou Jules Guesde, a proposito da conferencia de Londres, o seguinte: (B. S. 11-2-915).

«Trata-se em primeiro lugar de estabelecer que não se poderá falar em paz — reduzida a mais perigosa das tregoas — enquanto o imperialismo alemão não fôr esmagado. O dever que se impõe aos socialistas, aos que realmente querem livrar a humanidade deste pesadelo de sangue, é o de continuar a lucta até ao fim, fechando os

ouvidos que se pudessem abrir a murmurios de lassidão.

«E-nos preciso, por outro lado, declarar bem alto — o que talvez se não fez sufficientemente até agora — que esta guerra que nos foi imposta, não a faz mos — e não a fizemos ni nc. — a nação alemã, á qual estamos prontos a estender frate nalmente a mão, des de que ela tenha acabado com o seu Kaiser e o imperialismo prussiano, do qual ela não é menos victima do que nós.

«É preciso finalmente e principalmente que, obtida a victoria, nós saibamos usar d'ela humanamente e fazer surgir d'ela uma Europa nova, baseada em nacionalidades satisfeitas, não deixando mais logar para os antagonismos de raças e apenas para o antagonismo de classes, o qual só o socialismo deve e pôde fazer desaparecer.

### Os Socialistas Ingleses

Varios membros do partido social democrata dirigiram o seguinte manifesto aos seus camaradas dos diversos ramos da organização do partido.

Entre elles, figuram nomes de agitadores conhecidos, como Hyndman, Torne, Ben Tillet, etc.: (B. S. 11-2-915)

«A guerra actual foi imposta á Grande Bretanha pelo atentado cometido, sem provocação alguma, pela Alemanha contra a neutralidade e a independencia da Belgica, embora depois de 1839, d'accôrdo com a Grande Bretanha e a França, a propria Alemanha as tivesse garantido formalmente, por razões muitas vezes reconhecidas e confirmadas desde essa data, como boas e sufficientes para todas as nações garantantes.

Este tratado fôra respeitado pela Alemanha e pela França em 1870, embora a França tivesse então podido obter grandes vantagens com a violação. Mesmo nas quarenta e oito horas do começo da presente guerra, o embaixador alemão em Bruxelas afirmava aos belgas que a sua neutralidade seria respeitada. A França garantiu da melhor vontade a não violação; mas a Alemanha opôs uma recusa ao que a Grande Bretanha perguntava, e declarou considerar o tratado como um bocado de papel sem valor.

Mas ha mais; foi abertamente declarado pelos escritores e oradores officiais, que a Alemanha propõe-se anexar a Belgica, esmagar a França, reduzir a Russia e eventualmente arruinar a Grande Bretanha. O Reino Unido e as colonias inglesas tendo sido forçadas a esta guerra, lutam em defeza das pequenas nacionalidades europeas, por que se mant-nham os tratados e as convenções da Haia, pela salvação da Republica Franceza, pela sua propria protecção contra as aggressões e a invasão, e de colaboração com os seus aliados para acabar, uma vez por todas, com a ameaça permanente da Alemanha para com a paz e o bem-estar do mundo. Os motivos que se occultam por detraz da diplomacia secreta de sir E. Grey nada temem que ver com esta situação. A Inglaterra, a França e a Russia, não tinham preparado a guerra, como os acontecimentos o demonstraram. Até ao ultimo momento estas tres potencias fizeram ardentos esforços pela paz e a Servia, sob as instancias da Russia, subscreveu quasi por completo ás exigencias da Austria. A Alemanha e só a Alemanha estava completamente preparada para a guerra e decidida a fazel-a estalar na primeira ocasião favoravel.

O conjunto das Trades-Unions da Grande Bretanha e as organizações operarias das nosas colonias autonomas, reconheceu que a guerra deve continuar até que a ameaça prussiana esteja eliminada de uma maneira efectiva. Declaram que a victoria da casta militar prussiana robusteceria a reacção e faria recuar de muitos anos o desenvolvimento da democracia na Europa, sobre a qual, unicamente, se pode estabelecer solidamente o socialismo.

Não se pôde desejar nem mesmo preconisar a paz, enquanto a Belgica

e a França não estiverem por completo livres dos seus barbaros invasores e enquanto a Alemanha, o agressor sem escrupulos, não tiver sido obrigada a dar uma compensação ampla aos prejuizos e ás ruinas que causou.»

### Partido Socialista Alemão

Segundo um telegrama da Agencia Wolff, (B. S. 12-2-915) o deputado socialista Otto Ruehte comunica que na reunião do grupo do partido realisada no Reichstag, o deputado Liebnicht foi excluido por 82 votos contra 15. A declaração publica do partido foi em seguida votada por 65 votos contra 20. Comunicam tambem de Berlim que a reunião do partido socialista votou uma ordem do dia aprovando a attitude dos deputados socialistas nas sessões da Reichstag de 4 de agosto e de 2 de dezembro. A reunião proclamou que a defeza da patria é um dever de todos os operarios socialistas. Estes estão interessados em que se perpetue a vida economica e a cultura alemã, assim como a existencia da Alemanha, como Estado.

### Liga Humanitaria Alemã

O *Germinal* já publicou um dos dois manifestos (que pouco diferem entre si) desta Liga.

O que segue, é dirigido aos trabalhadores alemães. (B. S. 11-2-915).

«Caros camaradas:

Seis mezes se passaram depois que o nosso governo declarou a guerra á Russia, que violou a neutralidade da Belgica lançando a nação numa campanha que prosegue actualmente em tres continentes e tudo isso sem a menor justificação, como amplamente resulta da evidencia dos documentos. As explicações dadas ao Reichstag eram completamente falsas.

Os social-democratas, como um só homem, abstiveram-se de apoiar o dr. Liebknecht no seu honroso protesto contra os creditos de guerra. Nós somos como ovelhas abandonadas pelos pastores. Convidamo-vos a activar o mais que vos fôr possível a propaganda da verdade, a unica que pôde advertir a nação do perigo de se fiar em miseráveis que tão indignamente nos enganaram.

A Suissa, fiel á sua missão, resistiu a todas as tentativas financeiras effectuadas para se obter d'ela a permissão de lhe utilizar os caminhos de ferro para uma invasão secreta da França. A Austria, constatando o perigo crescente das desordens internas, procura obter uma paz em que os aliados não querem ouvir falar, enquanto um só soldado ou funcionario alemão se conservar na Belgica. O Japão fez saber em Washington (?) que é com crescente descontentamento que vê as atrocidades terríveis e injustificadas a que a nação belga tem estado submetida.

Camaradas: Sabemos quantos sacrificios se impuzeram á nação. Sabemos tambem que esforços corajosos tendes feito e fazeis actualmente. O prejuizo inflingido á causa da fraternidade internacional por camaradas socialistas que desertaram das nossas fileiras para se juntarem aos nossos oppressores, não poderá ser reparado num dia. Sabemos que é inutil falar de paz enquanto a Prussia não tiver sido derribada do seu trono de craneos humanos e apelamos para todos os trabalhadores que desejam o fim desta guerra infame, para que nos ajudem a dispersar a quadrilha de conspiradores prussianos que para sempre deshonrou a Alemanha aos olhos do mundo civilizado.»

Karl Bernstein, presidente.  
Albrecht Zetell, secretario.

## Ainda Marx

No seu numero de 23 de janeiro, *La Bataille Syndicaliste* inseriu o prefacio de uma pequena obra historica de James Guillaume, prestes a aparecer, sobre a Associação Internacional dos Trabalhadores. A inserção veio a proposito. Serve pelo menos, para nos encaminhar no esclarecimento da questão: houve dois Marx, um amigo, outro inimigo da França? São dêsse prefacio os periodos seguintes:

Destas paginas resultam com luminosa evidencia, estas duas conclusões:

1.<sup>a</sup> — Não é verdade que a Internacional fosse criação de Karl Marx. Este foi completamente estranho aos trabalhos preparatorios que se realizaram de 1862 a setembro de 1864. Juntou-se á Internacional no momento em que a iniciativa dos operarios inglezes e francezes acabava de a criar. Como o cuco, foi pôr o seu ovo em um ninho que não era o seu... O seu designio foi desde logo fazer da grande organização operaria o instrumento das suas vistas pessoais. Não a encontrando em França bastante docil aos seus desejos, de 1865 a 1870 não deixou de mostrar má vontade a respeito dos operarios francezes, criaturas repugnantes *craprauds*, como Engels e êle se divertem a chamar-lhes nas suas cartas intimas e de persegui-los com o descredito e o sarcasmo.

Em 1866, êle achincalha os delegados dos operarios de Paris, que pertencem á «velha imundicie» — *vieille ordure* —; em 1867 conspira para «dar o golpe de misericórdia» nos militantes parisienses, no ano seguinte, em Bruxelas; em 1868, felicita-se por os juizes do imperio terem condenado á cadeia os membros da comissão parisiense; em 1870, ao receberem a noticia da proclamação da Republica e o apelo ao povo alemão lançado pela Internacional parisiense, Engels e êle desfazem-se em injurias contra os «imbecis de Paris e o seu ridiculo manifesto», contra a «velha infatuação franceza», e repetem que «os francezes precisam ser desancados»;

2.<sup>a</sup> — Desde a sua constituição sob a inspiração de Marx, a Social-Democracia alemã tem sido um partido *imperialista*, isto é, visando á fundação de uma Alemanha centralizada, que mais não fosse pelo militarismo prussiano, e vendo em Bismarck um colaborador que tinha de se resignar a sofrer. Em 1870, Marx e Engels, patriotas alemães antes de tudo, aplaudiram as vitorias dos exercitos alemães, porque elas deviam assegurar a «preponderancia do proletariado alemão sobre o proletariado francez» e «transferiam de França para a Alemanha o centro de gravidade do movimento operario europeu». E abusaram então da sua situação, tentando, em nome do conselho geral da In-

ternacional, *dissuadir o proletariado francez de lutar contra os invasores*: era preciso, escrevia Engels a Marx, a 12 de setembro, se podessemos «ter alguma influencia em Paris, impedir os operarios de se metem, até á paz.

### Reunião sindicalista

Realizou-se, de facto, a marcada para quinta-feira da semana passada. Ficou decidido para breve o reaparecimento do *Sindicalista*, ao qual se nomeou uma comissão de redacção e administração. Deixou-se o caso da criação da Liga para quando estivesse presente o autor da respectiva proposta. E quanto a saber-se se se deve ou não ingressar na U. O. N., ou melhor se se deve ou não aceitar os organismos estabelecidos pelo congresso de Tomar, deixou-se isso á acção do tempo e da propaganda do jornal.

Porquê este adiamento, que traz hesitação e incerteza? Se o congresso aprovou as conclusões ou sequer o espirito da tésse do deputado M. J. da Silva sobre associações de classe, se a U. O. N. é, como alguns pretendem e como a proscricção das *teorias e tactics absolutas* faz supor, um campo neutral, um local para reposeiras, os sindicalistas devem sentir necessidade de uma organização propria, a não se lhes dar de degenerarem em simples corporatistas ou de estarem, na luta social, em condições de inferioridade, a par dos socialistas com o seu partido e — porque não dizê-lo? — dos anarquistas com os seus grupos. E sendo assim, o que vale é que a ideia da fundação da Liga faz esquecer o adiamento, trazendo as mesmas questões novamente a debate. — Nn.

### Historias de ladrões

Escreve-nos alguem:

«A proposito daquella historia de ladrões, de que falava Silva Pinto — *vide* numero pasado o *Germinal*:

Vem «A Noticia» desde os seus primeiros numeros, denunciando aos poderes publicos, o escandalo que, a contento da policia, se está dando em Lisboa com as roletas automaticas e com as varias outras maneiras de tirar dinheiro das algebeiras dos... ingenuos.

Afirma-nos pessoa que nos merece todo o credito, que ha na policia civica pessoa que tem na continuação deste estado de coisas, interesses muito chegados; e é por isso que as coisas só entrarão nos eixos se o Povo se lembrar de que a Constituição Política da Republica diz no seu n.º 37 do art.º 3.º Titulo II:

*É licito a todos os cidadãos resistir a qualquer ordem que infrinja as garantias individuais, se não estiverem legalmente suspensas.»*

Mesmo que o não dissesse a Constituição e não estejam as garantias suspensas.

A boa norma é esta: acção directa para destruir o mal e educação para o saber evitar.

## VIDA ASSOCIATIVA

### União Anarquista Comunista da Região do Sul.

(Continuação)

Que cada um tome a serio o papel social que lhe compete neste momento de grande responsabilidade, trabalhando pela junção e fortificação da familia anarquista, para que não sejamos atropelados pela reacção clericalpolitica, militarista. Façamos uma barreira num amplexo fraternal nos laços da solidariedade, e lutemos para que amanhã finde o poderio dos tiranos e despotas, cesse a exploração capitalista, cale o troar do canhão e caiam para sempre as fronteiras malditas que se erguem, alimentando odios.

Então surgirá esplendente o ideal, proporcionando a todos pão, terra e liberdade, e sobre o Universo em repouso, far-se-ha o advento da sociedade anarquista comunista.

A União Anarquista Comunista da Região do Sul, constituiu-se neste momento, em que os camaradas algarvios, transmontanos, do norte e do centro do país se estão organisando, preenchendo assim uma lacunao que era, sem contestação, uma necessidade urgente; que cessem os factores dissolventes da união, deixando divergencias que só ao nosso inimigo comum aproveitam, e que dão origem á aflitiva confusão nas fileiras anarquistas e á falta de propaganda dos ideais libertadores; que a nossa agrupação seja o traço unificador, esperamolo.

A U. A. C. da R. do S. tomará parte em todos os movimentos de caracter social, fomentando neles o espirito revolucionario, a acção directa anti-estatal, autoritaria e parlamentar. Propagará as doutrinas anarquistas que serão a semente que fará brotar por toda a parte o sentimento de revolta, despertando do torpor, da letargia em que jáz, a imensa legião de escravizados e famintos, e que destruindo a casta parasitaria, dará logar á fraternidade Universal.

Camaradas, lutemos num conagraçamento de ideias, para derubar a corrompida sociedade, prenhe de ridiculos preconceitos e perniciosas convenções e ficando a sociedade livre, plena de bem-estar e liberdade.

Ávante pela Revolução Social!  
Viva o Comunismo Anarquico!

O Comité.

**União Anarquista da Região do Sul.** (Lisboa) — Em sessão do dia 3 do corrente deliberou pôr em pratica uma caixa d'auxilios a camaradas perseguidos pela luta do ideal, apelando pois para todos os agrupamentos desta região e demais camaradas a contribuirem voluntariamente afim de que possa ter exito. O *comité* desta caixa ficou constituído pelos camaradas Rosendo Viana, Antonio Machado e Artur Figueira, e agregado ao *comité* da União para onde se pode dirigir a correspondencia.

Reuniu o comité e deliberou levar á pratica sessões de propaganda doutrinaria em varias localidades, a prestar todo o auxilio moral e material á caixa d'auxilios em favor dos camaradas Joaquim Carreira e Antonio Silva, que se acham nos grupos C e F da cadeia do Limoeiro. Os camaradas que queiram concorrer a este ato de solidariedade podem enviar os donativos á sede desta União — Trav. Agua de Flor, 55, 1.º onde todas as noites estará um camarada do comité.

Pede-se a todos os grupos desta região e aos camaradas não agrupados a inscreverem-se nesta União, para que resulte mais profiqua e eficaz a acção que vem desenvolvendo em prol dos ideais libertarios. Lembramos também a todos os filiados a necessidade de satisfazerem o pagamento das quotas com que entenderam concorrer.

Como ainda não recebemos exemplar algum de jornal ou folhetos, novamente apelamos para os grupos editores.

Em reunião do comité deliberaram-se diversos assuntos de carater reservado e promover uma série de sessões de propaganda doutrinaria em diferentes logares, tendo sido a primeira no preterito domingo na Secção da Construção Civil do Beato e Olivares, a segunda, idem, (Belem) na p. p. sexta-feira e a terceira, idem, no Alto do Pina, hoje 21, pelas 16 horas. Todas as quartas feiras se efectua conferencias e palestras por diversos camaradas, na nossa sede, Travessa Agua de Flor, 55, 1.º, acentando-se contivernia.

**Centro de Estudos Sociaes Regeneração Humana.** (Lisboa) — Aos socios deste centro e demais camaradas se roga a seguinte fineza: áqueles o pagamento das suas quotas em atrazo e a uns e outros o seu auxilio moral e material, afim de que não se possam regosijar com a desaparicção deste centro no Bairro d'Alcantara, pois que pela falta de coerencia dos mesmos, não temos a escola diurna na efectividade e a noturna acha-se bastante deficiente, ainda que funcionando. — *A comissão.*

**Escola Racionalista A Florescente.** (Lisboa) — A comissão pede a todos os camaradas que concorrem para a manutenção desta causa, a subida fineza de para bom andamento dos trabalhos, e para que não haja o desgosto nosso e satisfação dos adversarios, entrarem com as suas quotas em atrazo e darem algum auxilio mais, embora pouco, quer moral quer material, pois que o deficit é grande, segundo o balancete afixado na escola.

## Publicações

**A Tipografia.** — Está publicado o n.º 2 da 2.<sup>a</sup> serie dêsse orgão da Federação Tipografica Portuguesa.

**Cultura Libertaria.** — Anuncia-se para o dia 1 de março proximo, o primeiro numero da segunda epoca dêsse periodico espanhol. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Lopez Bouza, Taxonera, 4, Ferrol (Coruña).

## GERMINAL

encontra-se á venda nos seguintes locais:

**Tabacarias:** MONACO, Rocio: — SARAIVA, Travessa de S. Domingos, 4 e 6; — ARAUJO, rua da Palma, 125; — IDEAL, rua dos Correios; — VOUGA, Praça do Brasil; — BELTRON, rua da Escola Politecnica, 84; — FERREIRA, calçada da Estrela, 3; — PIRES, rua do Poço dos Negros, 55; — PRAZERES, Largo da Graça; — FERREIRA, rua do Paraizo; — NUNES & PINTO, Calçada da Bica do Sapato, 16 e nos **Kiosques:** de Alcantara e da Praça Rio de Janeiro.